

SARAMAGO EM “SOBREIMPRESSÃO”: LER *MEMORIAL DO CONVENTO*, DE JOSÉ SARAMAGO, A PARTIR DA ESCRITA DE MARIA GABRIELA LLANSOL.

Leonel Isac Maduro Velloso¹

RESUMO

Partindo da afirmação de Maria Gabriela Llansol, em *O senhor de Herbais* (2002), de que a personagem Blimunda Sete-Luas, do romance *Memorial do convento*, é uma beguina, este trabalho tem por objetivo ler o texto saramaguiano a partir de algumas questões que estão presentes na “textualidade” llansoliana, a saber: a) a figura “Mutante” (o “fora-de-série” que “traz a série consigo”); b) as potências afirmadoras do “dom poético” e da “liberdade de consciência”; c) a cisão entre o mundo do “Príncipe” (poder ascendente cujo princípio sustenta a ordem temporal, cristã e europeia) e o mundo dos “Intensos” (universo composto por homens e mulheres que utilizaram as próprias vidas como lugar, por excelência, da interrogação humana). Por esta via, este trabalho pretende continuar, aprofundar e aproximar as sendas de leitura abertas tanto pela Professora Doutora Tatiana Pequeno da Silva (2011), ao estudar os aspectos políticos na obra da Llansol, quanto pelo Professor Doutor Jorge Fernandes da Silveira (2014), ao apontar uma relação entre a obra de Saramago e a produção da “escrevente” de *O livro das comunidades*, no que tange a construção poética de uma outra Europa/Comunidade Ibérica.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa, Romance do século XX, Maria Gabriela Llansol, José Saramago, Sobreimpressão.

¹ Doutor em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, leonelmvelloso@gmail.com.

TRAÇAR LINHAS DE EXPERIMENTAÇÕES: UM ATO DE AMOR

O que quer dizer amar alguém? É sempre apreendê-lo numa massa, extraí-lo de um grupo, mesmo restrito, da qual ele participa, mesmo que por sua família ou por outra coisa; e depois buscar suas próprias matilhas, as multiplicidades que ele encerra e que são talvez de uma natureza completamente diversa. Ligá-las às minhas, fazê-las penetrar nas minhas e penetrar as suas. Núpcias celestes, multiplicidades de multiplicidades. Não existe amor que não seja um exercício de despersonalização[...]

Gilles Deleuze & Félix Guattari

Este texto, de saída, assume-se como um ensaio, isto é, um exercício de “pensamento experimental”, conforme a lição de Silvina Rodrigues Lopes (2012). Logo, como exercício de “pensamento experimental”, o ensaio se configura como

um *modo de partir* de textos literários, ou de poemas, mas também de muitos textos e coisas, vozes, gestos, ideias, ou lugares. De onde se parte nunca é indiferente, mas o mais importante são as linhas que se traçam. Enquanto produção de sentido, o ensaio é a expansão, em formas e ritmos, de uma energia corpo-linguagem que diverge das fixações identitárias do hábito e dá lugar à invenção de conexões imprevistas. “[...] o que importa é a sua promessa de acontecimentos. (LOPES, 2012, p.130; grifos da autora).

Por esta via, o objetivo deste ensaio é “desterritorializar” (DELEUZE; GUATTARI, 2019) a obra *Memorial do Convento*, de José Saramago, deixando os “fluxos” (DELEUZE; GUATTARI, 2019) de leitura desta narrativa, já tão “estratificados” (DELEUZE; GUATTARI, 2019) pela crítica especializada (à qual este trabalho deve tanto), encontre novas possibilidades de conexões, até então, “imprevistas”. Para a construção dessa “desterritorialização” convocaremos, terminologia nossa, a “textualidade esquizo²”, por isso, “sem impostura” (LLANSOL, 1998), de Maria Gabriela Llansol.

2 Conforme Maria Gabriela Llansol (2000), quem lê, assim como quem escreve, deve-se deixar, em parte, “fulgorizar”, isto é, um “[...] processo de deslocação de fronteiras[...]

(LLANSOL, 2000, p. 215), rente à psicose, sempre confrontada, por norma, a “[...]reações histéricas e a mecanismos de denegação.” (LLANSOL, 2000, p. 215).

Tal “textualidade esquizo”, *grosso modo*, oferece-nos uma geografia de escrita que não avança por desenvolvimentos “[...]temáticos, nem por enredo[...]” (LLANSOL, 1998, p. 130), e se insere fora da “escrita representativa” (LLANSOL, 1998, p.130), contudo, oferecendo uma “[...]unidade, mesmo que aparentemente não lógica” (LLANSOL, 1998, p. 130), onde “a-colhe” e “dis-põe” no seu corpo/*corpus*, o “legente”. Retornando ao título desta comunicação, vamos ler Saramago, “em sobreimpressão”, a saber: dobrar os “corpos intensos” (LLANSOL, s/d) de Blimunda Sete-Luas, Baltasar Sete-Sóis e Pe. Bartolomeu Lourenço, os “ocidentados³”, *despersonalizando-os⁴*, na “escrita-paisagem⁵” de Maria Gabriela Llansol. Como nos lembra Deleuze (2019), “Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir.” (DELEUZE; GUATTARI 2019, p. 19). O (este) ensaio, assim gostamos de pensar, é essa cartografia amorosa do futuro. Por isso, assumimos o risco que este tipo de escrita suporta.

APROXIMAÇÕES OU “HALO PERDURADO”

As primeiras aproximações, mas não únicas, que podemos fazer entre a produção literária de Maria Gabriela Llansol e a produção literária de José Saramago nos são dadas pela crítica, tanto portuguesa quanto brasileira. Para tanto, debruçar-nos-emos, visando construir um breve inventário de apontamentos de leitura e de recepção, em três nomes representativos: Maria Alzira Seixo (1986), Luís Mourão (1996) e Jorge Fernandes da Silveira (2014).

De acordo com Maria Alzira Seixo (1986), os textos de Llansol e de Saramago trazem, para o romance contemporâneo português, elementos da “autoreferencialidade” e de marcas de outros registros de escritas, por exemplo: a poesia, para Maria Gabriela, e a história, para José Saramago. Conforme a pesquisadora portuguesa, ambos os escritores têm uma abertura sintomática para o que ela chama de “alteridade”. Tal distinção, é importante dizer, não se restringe somente a questões

3 Conforme Maria Inês de Almeida (2008).

4 Seguindo a trilha deixada pela epígrafe que abre este capítulo, o ato de amor é um ato de despersonalização.

5 “O escrever acompanha a densidade da restante vida, da Outra Forma de Corpo, que, aqui vos deixo qual é: a Paisagem.” (LLANSOL, 2017, p.11; grifos da autora)

gênero de escrita, mas também pode ser encontrado na figura do narrador e no próprio discurso.

Já Luís Mourão (1996) defende que Saramago e Llansol são dois nomes fundamentais, na abertura do romance português, para as “cenas dos próximos capítulos”, isto é, depois da “paragem da história”. Conforme Mourão, há, no autor de *A jangada de pedra*, um trabalho de “demolição da história” (MOURÃO, 1996, p. 370):

trata-se de desfazer o Kitsch da identidade nacional deixando emergir o indomesticável de um indivíduo, de uma singularidade. De ler por debaixo dos brandos costumes com que nos reconciliamos uma ferida que é vórtice de culpa e redenção.” (MOURÃO, 1996, p. 370)

Em Llansol, por sua vez, de forma mais radical, assim pensamos, trata-se da convocação de um “conhecimento agnóstico” (MOURÃO, 1996, p. 371):

A escrita deixa-se atrair por uma figura que nela emerge e pensa-a, não para reduzir ao conhecido, mas precisamente para a subtrair de todo conhecido, para fazer dela uma travessia para o incerto e o diverso. Não é uma escrita que nos dê qualquer saldo filosófico, moral ou gnosiológico; pelo contrário, é uma escrita que nos salda nos termos de uma liquidação total. (MOURÃO, 1996, p. 371)

Dando prosseguimento e finalizando esse breve “inventário” da crítica, segundo o pesquisador brasileiro Jorge Fernandes da Silveira (2014), há, nos textos de Saramago e Llansol, para além dos modos de leitura apresentados por Seixo e Mourão, uma tentativa de “compreender em profundidade o presente português” (SILVEIRA, 2014, p. 93), dentro de um panorama contemporâneo europeu. Ou seja, qual é o lugar de Portugal nesse contexto? Resposta que não ousamos, assim como Silveira, dar.

Todavia, para além das aproximações promovidas pela crítica especializada, apresentadas rapidamente acima, gostaríamos de assinalar outros pontos de convergência, importantes para o movimento deste texto, entre os dois escritores. Na busca de uma melhor explicitação de tais pontos, lançaremos mão de uma divisão, não estanque, que recobrirá três eixos: “biográfico”, “temático” e “biográfico-temático”. Sobre o primeiro eixo, sabe-se, pelos diários de Llansol, publicados pelo “Espaço Llansol”, sob o título de *Livro das horas*, que a “escrevente” e o escritor

ganhador do Nobel, correspondiam-se e se liam, conforme a entrada do dia 1 de maio de 1978:

Caro José Saramago, /Muito reconhecida pelo seu livro *Objecto* quase , que introduz uma certa dimensão de conhecimento na vida quotidiana, e que tanto tive prazer de ler./Agradeço também as palavras da sua dedicatória, e a troca de leitura de nossos livros./ Com amizade Maria Gabriela Llansol. (LLANSOL, 2010, p.195)

Sobre o segundo eixo temático, encontramos, na produção dos dois escritores, personagens/figuras⁶ que se encontram à margem do Poder/Príncipe: figuras llansolianas que catalisam formas de organização “[...] dos homens quer seja o sangue, a raça, o dinheiro, o mérito, a ideologia [...]” (LLANSOL s/d, p. 92). Por esta via, uma personagem/figura que tanto Saramago quanto Llansol partilham e, pode-se dizer, esteve “à margem” de qualquer “Poder”, foi João de Leiden⁷, ou “Jan de leyde”, líder anabatista de Leiden, do condado da Holanda, no Sacro Império Romano-Germânico. Sobre tal personalidade nos escritos da “escrevente” de *O raio sobre o lápis* e do autor de *O cerco de Lisboa*, assinalamos, somente, que ela aparece como personagem da obra *In nomine dei*, de José Saramago, e como objeto de reflexão numa conferência de Maria Gabriela Llansol, em Paris, recolhida e publicada no livro *Lisboaleipzig 1*:

6 “À medida que ousei sair da escrita representativa em que me sentia tão mal, como me sentia mal na convivência, e em Lisboa, encontrei-me sem normas, sobretudo mentais. Sentia-me infantil em dar vida às personagens da escrita realista porque isso significava que lhes devia igualmente dar a morte. Como acontece. O texto iria fatalmente para o experimentalismo inefável e/ou hermético. Nessas circunstâncias, identifiquei “nós construtivos” do texto a que chamo de figuras e que, na realidade, não são necessariamente pessoas, mas módulos, contornos, delineamentos. Uma pessoa que historicamente existiu pode ser uma figura, ao mesmo título que uma frase (“este é o jardim que o pensamento permite”), um animal, ou uma quimera. O que mais tarde chamei de cenas fulgor. Na verdade, os contornos a que me referi envolvem um núcleo cintilante. O meu texto não avança por desenvolvimentos temáticos, nem por enredo, mas segue o fio que liga as diferentes cenas fulgor. Há assim uma unidade, mesmo que aparentemente não lógica. Porque eu não sei antecipadamente o que cada cena fulgor contém. O seu núcleo pode ser uma imagem, ou um pensamento, ou um pensamento intensamente afectivo, um diálogo.” (LLANSOL, 1998, p. 130)

7 Resumindo a sua biografia, é importante dizer que, em 1533, ele se mudou para Münster, a capital do Principado-Bispado de Münster, onde se tornou um influente profeta e líder da Rebelião de Münster. Ele transformou a cidade em uma teocracia milenarista de princípios anabatistas. Em 1534, proclamou-se rei e em 1535, tal insurgência contra o mundo católico foi suprimida depois de um cerco à cidade, onde o líder foi capturado, torturado e executado.

Quando, há anos, fui em peregrinação a Münster, não encontrei ninguém que me soubesse dizer o que eram e o que faziam numa das torres da igreja de São Lamberto, as gaiolas que ali se encontravam penduradas. Numa delas havia sido exposto, depois de o seu coração ter sido trespassado com uma lâmina aquecida ao rubro, o corpo de Jan de Leyde. Ninguém sabia. Não encontrei uma única livraria onde se vendesse qualquer obra sobre os anabatistas. Talvez tivesse batido a má porta. Mas digo-vos que bati, na esperança de que talvez se abrisse a memória do ponto de partida. Porque o problema inicial, quinhentos anos depois, está ainda por resolver.

Desta Europa, não falam as literaturas europeias, ou muito raramente. (LLANSOL, s/d, p.90 e 91)

Já sobre o terceiro eixo de aproximação - “biográfico-temático” - e o mais importante para este texto, citaremos um fragmento encontrado no livro *O senhor de Herbais*, onde Llansol desenvolve uma breve reflexão sobre as mulheres, como as beguinhas, que ousaram ter acesso ao conhecimento, numa época em que tal direito não existia:

O que a História não permitiu, a visão ofertou. Abriu-lhes espaços significáveis onde apenas haviam vislumbrado o inominável. Também para elas, o amante ficara velado, como acontecera com psyché, a crermos nas Metamorfofes que nos deixou Apuleu. De qualquer modo, arriscaram uma forma de vida poderosamente sugestiva. O seu halo perdurou, não apenas nos meus textos, mas também nos textos de outros escritores. Por exemplo, o que Blimunda, a única grande personagem de Saramago [...] senão uma beguina? (LLANSOL, 2002, p. 208)

Chamamos esse fragmento de “biográfico-temático” porque ele carrega, em si, a transmissão e o testemunho de, pelo menos, duas “Llansóis”: uma “Llansol legente” e uma “Llansol escrevente”. Enquanto legente, Maria Gabriela deixa transparecer o seu modo de ler, “em sobreimpressão”. Como escrevente, ela nos aponta uma possibilidade de aproximação dos textos. É partindo do mote o “halo perdurado”, ou seja, das mutações que as figuras sofrem em outros textos literários, que passaremos, no próximo capítulo, a ler a presença, inconsciente/virtual, de Llansol e de suas figuras na obra elencada da produção saramaguiana.

“DESTA EUROPA, NÃO FALAM AS LITERATURAS EUROPEIAS”

Em *Memorial do convento*, encontramos uma narrativa linear, onde abundam o discurso indireto-livre e a convivência do tempo cronológico e psicológico. A narrativa se situa no século XVIII, durante o processo de gestão e construção do “Convento de Mafra”. A maior parte da narrativa se passa entre Lisboa e Mafra. A nosso ver, Saramago constrói uma narrativa “alegórica” (BENJAMIN, 2013) que problematiza a História Oficial, narrando-a, de forma materialista, à contrapelo. Mostra como a “vontade”, a palavra, aqui, não é gratuita, de um homem, D. João V, pode subjugar a vontade de milhares. Ao longo do texto, temos a convivência de duas histórias, nem sempre paralelas. Já de início, podemos convocar Llansol (s/d.): ao nos lembrar, em sua textualidade, a presença aparente de dois mundos, “o Mundo” e a “Restante Vida”, “[...] irreduzíveis entre si, inimigos um do outro, temendo-se.” (LLANSOL, s/d., p. 90).

Retornando à narrativa de Saramago, pode-se dizer: na primeira história, tem-se a “representação” da vida na corte de D. João V, símbolo supremo do absolutismo português, logo, continuador das figuras llansolianas do “Poder” e do “Príncipe” – senhores do “Mundo”. Em tal corte, entre jogos de intriga, de superficialidades e contratos, vemos D. João V fazer uma promessa a um Pe. jesuíta de que construiria um convento, em Mafra, se D. Maria Ana, com quem tem uma vida protocolar, engravidasse e desse à luz a um herdeiro. O narrador, neste momento, deixa transparecer, ironicamente, que: a) a rainha já está grávida; b) a promessa é uma artimanha do prelado. Conforme o desenvolvimento do romance, D. Maria Ana dá à luz a Infanta Maria Bárbara e a construção do convento se inicia.

A segunda história é assinalada por aqueles que, em alguma medida ou totalmente, estão à margem do poder, na “Restante Vida”: Pe. Bartolomeu Lourenço de Gusmão, Blimunda Sete-Luas (que enxerga no escuro, por dentro das pessoas) e Baltasar Mateus ou Sete-Sóis (por enxergar de dia). O primeiro, uma espécie de Copérnico à portuguesa, é um protegido da coroa e tem o sonho herege de construir uma passarola e voar, produzindo uma nova conquista, mais além da terra e do mar. A segunda, uma camponesa possuidora do dom da visão: Blimunda consegue ver, quando está em jejum, o interior das pessoas, por isso, uma beguina, como Hadewijch da Antuérpia – conforme a comparação de Llansol exposta acima. Já o terceiro, Baltasar, temos um ex-soldado

maneta em busca de sobrevivência e lutando por um ideal, como a figura de Thomas Müntzer (desta vez não decapitado, mas, metonimicamente próximo, maneta). O encontro entre os três se dá, simbolicamente, durante um auto-de-fé inquisitorial do Santo-Ofício, momento em que a mãe de Blimunda é degredada por bruxaria. Um dos motivos dessa improvável união é o fato de serem personagens desajustadas para o seu tempo, mas, juntos, formam uma comunidade, para citar Llansol (2017), dos “mutantes”. Como nos ensina Llansol, o “[...] mutante é o fora-de-série que traz a série consigo” (LLANSOL, 2017, p. 11). Ou seja, ser um “mutante”, ser um “fora-de-série” é estar fora de qualquer estrutura protocolar ou institucional, contudo, com a sua existência engendrar outras e novas formas de conexões, como podemos perceber no fragmento abaixo:

[...] que este casal [Blimunda e Baltasar], ilegítimo por sua própria vontade, não sacramentado na igreja, cuida pouco de regras e de respeitos, e se a ele apeteceu, a ela apetececerá, e se ela quis, quererá ele. Talvez ande por aqui obra de outro mais secreto sacramento, a cruz e o sinal feitos e traçados com o sangue da virgindade rasgada, quando à luz amarela do candil, estando ambos deitados de costas, repousando, e, por primeira infração aos usos, nus como suas mães os tinham parido[...] (SARAMAGO, 2013, p. 78)

Tal ausência de fundamento e de infração aos usos e aos costumes ou, podemos dizer, à “Tradição”(LLANSOL, 2017, p.11) instituída, aponta, assim gostamos de ler, para um “Vazio” (LLANSOL, 2017, p.11), para um “Nada” (LLANSOL, 2017, p.11). E o Poder, para novamente trazer Llansol (2017), não vive sem “Tradição” e não aguenta o “Nada” e o “Vazio”. Se há algum comum nessa “comunidade”, é a “experiência trágica” de uma “vontade” desejanete, por isso, ética, traduzível, llansolianamente, como “dom poético”.

Com Llansol (s/d.), podemos dizer que tais personagens testemunham a continuação “[...] da força do livre arbítrio, do pensamento livre e da consciência, no saber e no dom poético” (LLANSOL, s/d, p. 89). Tais reflexões encontram representação na cena em que Blimunda olha o interior de uma hóstia e não vê Deus, pois só há “vontade”, codificada na imagem de uma “nuvem fechada”:

Vi uma nuvem fechada, respondeu ela. [...] Esperava ver Cristo crucificado, ou ressurrecto em glória, e vi uma nuvem fechada [...] Penso, como não hei de pensar, se o

que está dentro da hóstia é o que está dentro do homem, o que a religião afinal [...] Entre a vida e a morte, disse Blimunda, há uma nuvem fechada. (SARAMAGO, 2012, p.141 e 142)

Conforme estamos apresentando, “a vontade” como símbolo da “consciência livre” e do “dom poético”, quando aparece, é capaz de liquidar “em nós a apetência pelos Príncipes e pelo Poder. (LLANSOL, s/d, p. 92). Entretanto, com tal “pensamento livre” e com tal “dom poético” e suas potencialidades transformadoras, Llansol sabe e Saramago também, o que fez/faz o Poder/Príncipe. O destino dessas três personagens traduz essa funesta relação. Para finalizar, por mais que possamos apontar os caminhos do “halo perdurado”, ao longo deste ensaio, reconhecemos que as narrativas de Llansol e Saramago apresentam propostas éticas/estéticas radicalmente diferentes: entendemos que a obra de Saramago testemunha essa virtualidade da Europa, mas filtrando do presente para o passado, logo, confrontando “o ser com o tempo” (SEIXO, 1986, p. 23), quase como um “anjo da história” (BENJAMIN, 1994); e Llansol, do/no presente, e para além de uma virtualidade restritamente europeia, aponta para o futuro, ou “para o fora” (DELEUZE, 2011, p. 11); fura os condicionalismos do nosso olhar – [...] [a]os códigos fundamentais da nossa cultura” (FOUCAULT, 2016, p.XVI) -, passando por uma experiência “visionária” (DELEUZE, 2011). De acordo com Llansol (1997) seu projeto de escrita visa, grosso modo, “desocultar” um “jardim edênico” (LLANSOL, 1997, p.12) na terra. E, por isso, o futuro vislumbrado por tal escrita, lembra-nos João Barrento (2014), não está no sentido corrente de “desejo”, “conjectura” ou, por exemplo, experienciável fora do corpo do sujeito que escreve. Conforme Barrento (2014)

O futuro de Llansol é já agora, e o seu projecto de vida, vida escrita, está já inteiro no texto que vai escrevendo: ele é feito dos restos do Humano que ficaram por desabrochar, na grande História, na biografia e na vida comum. Esta é a forma do tempo que conta no texto de Llansol[...] (BARRENTO, <http://espacollansol.blogspot.com/2014/12/o-futuro-e-uma-origem-conferencia-sobre.html>)

Enquanto Saramago nos apresenta uma narrativa do que poderia ter sido, Llansol nos fala de um povo por vir/ do agora, dialogando, a nosso ver, também, mas de forma radicalmente diferente, com as propostas da “progênie forte e bela”, de Camões, da “raça ruiva”, de Cesário Verde,

do “Portugal sebastianista”, de Fernando Pessoa e da imagem final das mulheres grávidas que ficaram na “jangada de pedra”, de outra obra de José Saramago.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Inês de. **Desocidentada**. Belo Horizonte: FALE/ Editora UFMG, 2008.

BARRENTO, João. **O Futuro é uma origem**. In: <http://espacollansol.blogspot.com/2014/12/o-futuro-e-uma-origem-conferencia-sobre.html>, acessado em 22/09/2021.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Origem do drama trágico alemão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 2011.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

GUATTARI, Félix; DELEUZE, Gilles. **Mil platôs 1**. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. **O Anti-édipo**. São Paulo: Editora 34, 2020.

LLANSOL, Maria Gabriela. **Lisboaleipzig 1**. Lisboa: Edições Rolim, s/d.

_____. **O livro das comunidades**. Porto: Porto Editora, 2017.

_____. Onde vais, Drama-Poesia?. Lisboa: Relógio D’água, 2000.

_____. **O sonho de que temos a linguagem**. In: Revista Colóquio Letras, Lisboa, nº 143/144, 1997.

_____. **O senhor de Herbais**. Lisboa: Relógio D’Água, 2002.

_____. **Um falcão no punho.** Lisboa, Relógio D'Água, 1998.

LOPES, Silvina Rodrigues. **Do ensaio como pensamento experimental.** In: **Literatura, defesa do atrito.** [s.l].: Chão da Feira, 2012.

_____. **Teoria da des-posseção.** Lisboa: Averno, 2013.

MOURÃO, Luís. **Um romance de impoder.** Braga-Coimbra: Angelus Novus, 1996.

SARAMAGO, José. **Memorial do convento.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SEIXO, Maria Alzira. **A palavra do romance.** Lisboa: Livros Horizonte, 1986.

SILVEIRA, Jorge Fernandes da. **Entrepessoas: com Aossê na casa e na mesa de Bach.** In: FENATI, M. C. (org). **Partilha do incomum.** Florianópolis, Ed. UFSC, 2014.